

Árbitro e os atores do futebol: Uso de elementos narratológicos e discursivos na concepção de livro-reportagem de jornalismo esportivo

Lucas Ferreira Martin¹

Rafael Duarte Oliveira Venancio²

Resumo

Após uma partida de futebol são comuns matérias jornalísticas analisando a atuação de árbitro no jogo, principalmente quando ele comete algum erro. É alvo de críticas de jogadores, diretores, torcedores e passa a ser da imprensa também. O lado humano, às vezes, é ignorado e todos querem que o árbitro acerte tudo. Não são máquinas, são profissionais treinados e capacitados que hoje recebem para apitar. Quando acertam tudo, ninguém lembra. Então, qual é o *ethos* do árbitro de futebol, a imagem construída discursiva e narrativamente dessa profissão? Para responder essas e outras questões, o projeto *A figura do árbitro de futebol no Brasil* teve como objetivo produzir um livro-reportagem sobre a arbitragem de futebol desde a formação até a atuação em jogos profissionais, englobando também amadores, nos diferentes campos do futebol (social, econômico, familiar, profissional etc.). No presente artigo, demonstramos a construção desse livro-reportagem a partir de elementos dos estudos sobre a Análise do Discurso da linha francesa, bem como da narratologia de A. J. Greimas. Tudo para ajudar na análise do *ethos* do árbitro de futebol no livro em questão, a fim de entender o árbitro também enquanto pessoa/profissional e mostrar as possibilidades linguísticas de um trabalho de jornalismo esportivo.

90

Palavras-chave: Narrativa. Discurso. Futebol

¹ Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição.

² Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e Professor do Curso de Jornalismo e da Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Abstract

After a football match, it is common journalists analyzing the referee's role in the game, especially when he mistakes. It is a target of criticism of players, directors, fans and happens to be in the press as well. The human side is sometimes overlooked and everyone wants that referee to hit everything. They are not robots, they are trained and skilled professionals who today receive to whistle. When they hit everything, nobody remembers. So, what is the ethos of the football referee, the discursively and narratively constructed image of this profession? In order to answer these and others questions, the project "The figure of the soccer referee in Brazil" had as objective to produce a book-report on the arbitration of soccer from the formation to the performance in professional games, also including amateurs, in the different fields of soccer (social, economic, family, professional, etc.). In this article, we demonstrate the construction of this book from the elements of the Discourse Analysis studies of the French line, as well as the narratology of A. J. Greimas. Everything to help analyze the ethos of the football referee in the book in question in order to understand the referee also as a person/professional and show the linguistic possibilities of a sports journalism praxis.

Keywords: Narrative. Discourse. Soccer

Introdução

Juiz ou árbitro de futebol? Muito se discute acerca dessa nomenclatura do profissional de futebol designado a aplicar as regras do esporte. O escritor Manzolillo (1984) traz uma definição interessante sobre a função:

O julgamento do árbitro difere do julgamento de um juiz, pois este último pode consultar a lei, defender uma tese, invocar a doutrina ou discursar para os jurados antes de pronunciar sua sentença. Para tomar uma decisão, o árbitro é ao mesmo tempo delegado, promotor, júri e juiz, tendo também que atuar como advogado de defesa em alguns momentos, por que é sabedor da grande responsabilidade que lhe pesa nos ombros pelo caráter irrecorrível das suas sentenças (MANZOLILLO, 1984, p. 100).

Partindo desse pressuposto, pode-se chamar aquele indivíduo atrás do apito ou da bandeira (homem ou mulher) de árbitro. A confusão persiste também por causa da regra futebolística de antigamente.

O árbitro é chamado muitas vezes de "juiz", mas na verdade o nome correto do profissional encarregado de conduzir uma partida de futebol é "árbitro". Essa confusão acontece pelo fato de que antigamente a regra

chamava o árbitro de juiz, e seus assistentes de auxiliares, fiscais ou juízes de linha. Hoje a regra trata o árbitro apenas como árbitro (principal) e seus assistentes de árbitros assistentes (SILVA, RODRIGUEZ-ÁÑEZ, ROMERO FRÓMETA, 2002, p. 41).

O futebol sempre careceu de regras. Para aplicá-las, em seus primórdios no século XIX, os primeiros árbitros de futebol intervinham na partida somente quando um dos times reclamava. Essa pessoa designada a julgar as ações da partida era escolhida pela sua integridade, seu comprometimento e sua isenção por não torcer por um time específico, sem receber nada. Mas, aos poucos, a parcialidade se tornou evidente e foi reconhecida pelos praticantes, sendo necessário, então, uma “atualização” da função. Foi somente em 1896 que a regra deu ao árbitro o direito de punir por sua própria iniciativa, definindo a figura sua central de julgamento sem que lhe fosse pedida a opinião (ALMEIDA, 1974; ANTUNES, 1970). Depois, foram se acrescentando árbitros até formar uma equipe, em que são necessários, no mínimo, três: um árbitro e dois auxiliares (que podem ser árbitros também). Atualmente, o futebol segue as regras de arbitragem estabelecidas pela *Fédération Internationale de Football Association* (Fifa) juntamente com a *International Football Association Board* (IFAB), onde a função do apito está descrita nas regras de números 5 e 6.

Os árbitros carregam consigo uma responsabilidade muito grande, pois apitam o esporte mais praticado no mundo, seja amador, seja profissional. Mesmo com o respaldo da regra internacional de futebol e com a profissionalização da atividade, no Brasil, a função de árbitro é, muitas vezes, exercida por pessoas não têm a arbitragem como trabalho principal. Independentemente disso, todos são treinados para tal função. A questão é que, mesmo capacitados, são passíveis de cometer erros.

O árbitro deve, praticamente, em um mesmo instante observar, constatar, interpretar, julgar e punir ou absolver um atleta, o que não é fácil e não é qualquer pessoa que consegue. A função do árbitro de julgar se torna mais difícil pelo fato deste não estar julgando um fato isolado, mas uma “chuva” intermitente deles em um espaço de tempo pequeno, sem “replay” (MANZOLILLO, 1984, p. 100).

Não é necessário também ser um sábio do futebol para ver que a figura do árbitro é esquecida em uma vitória, sem ao menos ser comentada a sua atuação. Quando o triunfo não vem, a situação se inverte. Passa a ser o centro das atenções, é ofendido de todas as formas e até perseguido pelos jogadores, diretores e torcedores. A atuação

passa a ser destaque na mídia, as polêmicas do jogo ficam em evidência e todos se esquecem do lado ser humano por trás do apito ou da bandeira.

Então, qual é o *ethos* do árbitro de futebol, a imagem construída discursiva e narrativamente dessa profissão? Para responder essas e outras questões, o projeto *A figura do árbitro de futebol no Brasil* teve como objetivo produzir um livro-reportagem sobre a arbitragem de futebol desde a formação até a atuação em jogos profissionais, englobando também amadores, nos diferentes campos do futebol (social, econômico, familiar, profissional etc.).

No presente artigo, demonstramos a construção deste livro-reportagem a partir de elementos dos estudos sobre a Análise do Discurso da linha francesa, propostos por Amossy (2013), Haddad (2013) e Salgado (2008), bem como da narratologia de Greimas (1973). Tudo para ajudar na análise do *ethos* do árbitro de futebol no livro em questão, a fim de entender o árbitro também enquanto pessoa/profissional e mostrar as possibilidades linguísticas de um trabalho de jornalismo esportivo.

Elementos narratológicos no jornalismo esportivo

Conforme definição de jornalismo esportivo proposta por Coelho (2009), o jornalismo esportivo é a união entre *paixão* e *fato*, sendo paixão provocada pelo esporte, como nas precursoras crônicas esportivas literárias, e o fato narrado, que no caso, é uma partida ou competição, com detalhes cada vez maiores. A partir disso,

há a necessidade de delinear os métodos que guiam o jornalista tanto na sua formação bem como na compreensão de sua prática. [...] Nos concentraremos em duas categorias: o objeto do esporte (competições, jogos, o esporte em si) e o sujeito do esporte (atletas, técnicos, torcedores) (VENANCIO, 2015, p. 236).

Nesse caso, o sujeito sendo alguém que faz a ação, e o objeto é aquilo que sofre a ação. Com base nisso e no sujeito do estudo do livro-reportagem, o árbitro de futebol, contou-se ainda com o auxílio da narratologia, teoria proposta por Greimas (1973), para entender “as 'estórias' compostas na história dos humanos que trabalham o esporte” (VENANCIO, 2015, p. 239).

Com base nos trabalhos de Propp e Souriau, Greimas propõe reflexões acerca desses trabalhos a partir do modelo atuacional. De Propp, o autor retira a noção de que “os atuantes, que são classes de atores, [...] possuem um estatuto metalinguístico em

relação aos atores” (GREIMAS, 1973, p. 228-229). Na *Morfologia do Conto Popular Russo*, ou conto maravilhoso russo, Propp estabelece uma relação entre os sete personagens na narrativa: “villain, donor (provider), helper, sought-for person (and her father), dispatcher, hero e false hero” (GREIMAS, 1973, p. 229).

Em Soriau, na obra *Les deux cent mille situations dramatiques*, por outro lado, há seis funções dramáticas entre os personagens:

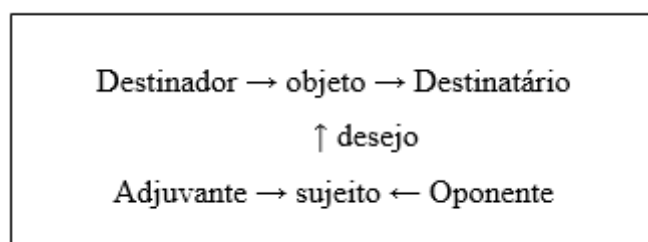
Leão, a Força temática orientada; Sol, o Representante do Bem desejado, do valor orientado; Terra, o Obtendedor virtual desse Bem (aquele para o qual trabalha o Leão); Marte, o Oponente; Balança, o Árbitro, atribuidor do Bem; Lua, o Auxílio, reduplicação de uma das forças precedentes (GREIMAS, 1973, p. 230).

As relações dramáticas propostas por Soriau não se distanciam, portanto, das relações entre os atuantes estabelecidas por Propp. Trabalhando a partir das propostas de funções dramáticas desses dois autores, Greimas chegou ao próprio modelo atuacional, composto por seis atuantes: o Sujeito, o Objeto, o Destinador, o Destinatário, o Adjuvante e o Oponente.

Esse modelo parece possuir, por sua simplicidade, um certo valor operacional para a análise de manifestações míticas somente. Sua simplicidade está no fato de que ele é um todo inteiramente fundado sobre o objeto do desejo e situado, como objeto da comunicação, entre o destinador e o destinatário, sendo o desejo do sujeito, por seu lado, modulado em projeções do adjuvante e do oponente (GREIMAS, 1973, p. 235-236).

Tal modelo foi proposto e desenhado da seguinte forma pelo:

Figura 1: Modelo atuacional de Greimas



Fonte: Greimas (1973, p. 236)

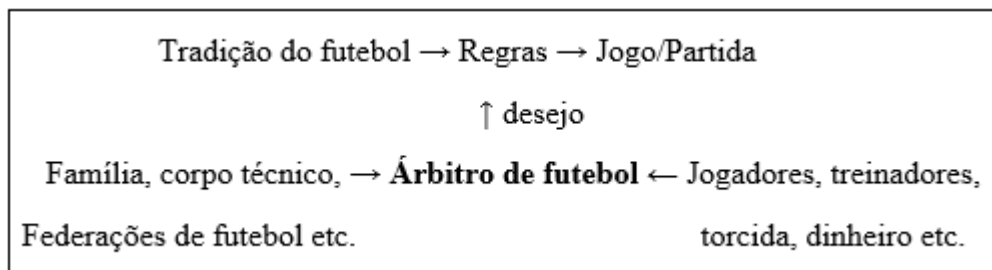
Nessa proposta, há a possibilidade de uma “investidura temática”, basicamente uma força temática na relação sujeito — objeto, que articulada segundo o desejo, produz “narrativas-ocorrências onde o desejo será manifestado sob sua forma ao mesmo tempo que pratica a mítica de ‘procura’” (GREIMAS, 1973, p. 231) e está representada na seta da Figura 1. Dessa forma, “as particularizações do modelo deveriam incidir inicialmente sobre a relação entre atuantes ‘Sujeito’ vs ‘Objeto’, e se manifestar como uma classe de variáveis constituída de investiduras complementares” (GREIMAS, 1973, p. 236).

Para melhor entendimento do modelo atuacional, Greimas analisa as “categorias” do modelo e sua relação com a categoria principal, que é a do desejo entre o sujeito e o objeto. Na categoria “Destinador vs Destinatário”, o sujeito leva o objeto, “que é ao mesmo tempo, objeto de desejo e objeto de comunicação” (GREIMAS, 1973, p. 233), do destinador ao destinatário. Na categoria “Adjuvante vs Oponente”, há duas espécies de funções bastantes distintas, sendo possível, explicitar a oposição entre o adjuvante e o oponente com relação ao desejo do sujeito:

1) As primeiras [adjuvante → sujeito], que consistem em trazer auxílio, agindo no sentido do desejo, ou facilitando sua comunicação; 2) e outras [opponente → sujeito] que, ao contrário, consistem em criar obstáculos, opondo-se quer à realização do desejo, quer à comunicação do objeto (GREIMAS, 1973, p. 233).

O próximo passo para adequar o modelo atuacional de Greimas (1973) ao livro-reportagem foi pensar o árbitro como sujeito, em busca do desejo de cumprir a sua função no esporte que é aplicar a regra do jogo (objeto). Dessa forma, na categoria “Destinador vs Destinatário”, o destinador é a tradição do futebol e o destinatário é o jogo ou partida em si, sendo unido pela regra (objeto). Na categoria “Adjuvante vs Oponente”, quem ajuda o árbitro (sujeito) a atingir a busca pela sua realização são: apoio familiar, corpo técnico da federação de futebol a qual pertence (adjuvantes), por exemplo. Por outro lado, existem obstáculos que dificultam a relação entre sujeito e objeto. Os jogadores, treinadores, torcida, dinheiro, neste caso, podem ser os oponentes do árbitro, por instigarem a todo momento uma pressão contrária, pelo acerto ou pelo erro. Tal modelo atuacional de Greimas (1973) adaptado ao sujeito do livro ficou assim:

Figura 2: Modelo atuacional adaptado



Fonte: Elaboração própria

Tendo como base esse modelo atuacional com o árbitro como sujeito, foi mais fácil traçar os caminhos e narrativas do livro-reportagem e encontrar as diversas vertentes pouco exploradas sobre o tema. “A história do esporte é feita por humanos antes de tudo e entender suas ações está com a narratologia. Só que quando há espaço para o humano do esporte falar de si, o modelo da narratologia pode necessitar de um reforço para compreender melhor esse sujeito” (VENANCIO, 2015, p.248). Nesse caso, o *ethos* da Análise do Discurso da linha francesa auxiliou no entendimento da figura do árbitro de futebol.

96

Elementos discursivos no jornalismo esportivo

A imagem de uma pessoa ou de algo pode ser analisada e explicada com base na Análise do Discurso da linha francesa. Essa teoria da comunicação baseada no discurso, ajuda na construção da imagem de alguém. Uma palavra ou expressão pode simplesmente modificar a dimensão da ação ou do sujeito, mas sempre condicionada a fatores sociais e históricos. “Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa” (AMOSSY, 2013, p. 9). Representação esta que pode ser entendida pelo *ethos* aristotélico como

a imagem de si construída no discurso ou, como entendiam os romanos, um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.) (AMOSSY, 2013, p. 17).

Como sequência a esse pensamento, o discurso de um texto depende, assim, da divisão do *ethos* em dois fatores para um bom entendimento: o *ethos* prévio e o *ethos*

discursivo proposto por Haddad (2013). O *ethos* prévio é definido pelo orador e pode influenciar na interpretação e aceitação do texto, já que é entendido pela imagem que o orador passa. Definido isso, deve-se entrar na questão do *ethos* discursivo. Com ele, o orador pode construir uma imagem em seu discurso, pois “demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento” (HADDAD, 2013, p. 148). Uma ação, personagem ou qualquer outra coisa pode ser exaltada, idolatrada ou desmerecida pelas escolhas do discurso.

Pelo fato de o livro-reportagem ser um produto elaborado por um jornalista, o discurso, a partir das escolhas lexicais, pode influenciar ou direcionar o entendimento do livro. Essas escolhas marcam o ponto de vista do autor no produto e repassam ao seu público, até pelo fato do jornalista estar, na maioria das vezes, *in loco* nas entrevistas, e passar suas percepções. “Os ‘conteúdos’ enunciados não são independentes da cena de enunciação que os sustenta. Quem avalia essa cena é o fiador, a voz que assume um tom e assim constrói o mundo do qual participa” (SALGADO, 2008, p. 86). Com essa intervenção do autor, entendido como o “fiador” de Salgado (2008), o *ethos* do sujeito pode ser construído ou até modificado.

No jornalismo esportivo, isso pode ser notado pelo discurso usado para representar tal fato, como a conquista, a derrota, os personagens ou os bastidores de algo. No caso do livro-reportagem, o discurso do jornalista veio através da linguagem verbal. Para analisar o *ethos* do árbitro – ou dos árbitros, já que formam pelo menos um trio – é necessário observá-lo pela forma como foi passada e narrada pelo jornalista. A arbitragem é uma atividade complexa e que pode ser entendida e vista de diversas formas. É a partir desses pressupostos que foi possível construir o livro-reportagem *A figura do árbitro de futebol no Brasil*.

Construção de *A figura do árbitro de futebol no Brasil*

A produção do livro-reportagem foi dividida em etapas, a saber: embasamento teórico; estruturação da narrativa; pesquisa bibliográfica; levantamento dos entrevistados; entrevistas; redação; e finalização do produto. O embasamento teórico, feito antes da produção do livro, ajudou no direcionamento do livro reportagem, principalmente com conceitos e histórias sobre jornalismo esportivo, futebol e arbitragem.

A segunda etapa do livro foi a estruturação da narrativa. Com base no modelo atuacional de Greimas (1973) adaptado com o árbitro como sujeito (ver figura 2), foi

possível encontrar os desdobramentos sobre o tema e direcionar as pesquisas e entrevistas. A sequência lógica do texto foi pensada com base nas principais abordagens sobre a arbitragem, e seguiu a cronologia da formação à atuação da pessoa do apito. O interessante do livro foi encontrar novos assuntos dentro do mesmo tema e que, durante o projeto inicial, não chegaram a ser cogitados.

O terceiro passo foi fazer a pesquisa bibliográfica. Sites oficiais, jornais, revistas, livros, documentários, matérias de televisão, entre outros, serviram como consulta e embasamento do livro. Como não foi encontrado nenhum livro ou documento que reunisse diversos temas sobre a arbitragem em um só lugar, a pesquisa foi de suma importância para o produto final.

Quando se fala em arbitragem de futebol, logo alguns dos principais nomes do apito vêm à cabeça. Mas foi preciso fazer uma filtragem desses nomes pelo histórico e relevância de tais personagens para a arbitragem brasileira. Foi possível criar uma lista de contatos e pessoas influentes no cenário local e nacional ligados ao futebol (Tabela 1). Assim, foi possível chegar aos demais personagens que, até então, pareciam distantes da pesquisa. Ganhando a confiança das fontes, foi possível apresentar o projeto do livro-reportagem e contar com a contribuição gratuita delas. Em certos casos, a resistência por parte de alguns e o fato de não conseguir o contato, inviabilizaram as entrevistas. Como solução, as pesquisas em documentos e matérias jornalísticas ajudaram nessa etapa.

98

Tabela 1: Entrevistados do livro reportagem

Entrevistado	Cargo/Profissão
Alício Pena Júnior	Ex-presidente da Escola Nacional de Arbitragem de Futebol (Enaf) da CBF vice-presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, ex-árbitro Fifa e CBF
Wallace Pena	Irmão de Alício Pena Júnior e árbitro amador da Liga Uberlandense de Futebol (LUF)
Giuliano Bozzano	Presidente da Comissão de Arbitragem Federação Mineira de Futebol (FMF) e ex-árbitro CBF
Arnaldo Cezar Coelho	Ex-árbitro Fifa e CBF; apitou a final da Copa do Mundo de 1982; e comentarista de arbitragem da TV Globo
Sílvia Regina	Ex-árbitra Fifa e CBF, pioneira em muitos fatos da arbitragem feminina do Brasil e do exterior
Fernanda Nândrea	Árbitra Assistente da FMF
Renato Miranda	Doutor em Psicologia do Esporte, professor da UFJF
Marta Magalhães	Psicóloga da CBF

Fonte: Autor

Com a pesquisa bibliográfica e entrevistas finalizadas, a redação foi o último passo. Isso porque, com os dados e entrevistas coletados, a parte final foi juntar todas as informações em seus respectivos tópicos e transcrever as entrevistas. É importante ressaltar que, durante a redação, foi necessário buscar novas fontes para explicar ou acrescentar algo ao tema investigado e que certas entrevistas aconteceram depois do prazo previsto.

Assim, com a pulga atrás da orelha, o livro *A figura do árbitro de futebol no Brasil* fez um resgate histórico da figura do indivíduo do apito desde os primeiros registros do esporte da bola nos pés até a atual situação da profissão em solo brasileiro. Além disso, desbravou as etapas da formação profissional, ajuda da psicologia do esporte, testes físicos, escala de jogos, CBF, Fifa, sem esquecer dos sonhos de ser referência na arbitragem. Sonhos estes compartilhados por quem apitou uma final de Copa do Mundo ou, simplesmente, preferiu continuar no futebol amador. Sonhos da primeira mulher árbitra de futebol do mundo que foi impedida de apitar pela ditadura militar brasileira na década de 1960 e daquelas que, anos depois, com muita luta, fizeram história no apito Brasil afora.

Seguindo todos os procedimentos metodológicos descritos no capítulo anterior e o modelo atuacional adaptado (Figura 2), o livro-reportagem apresentou o sumário abaixo. Para exemplificar como a teoria proposta por Greimas (1973) serviu de apoio, segue também trechos da obra.

- 1 **Introdução** – o livro começa recontando a história do maior escândalo da arbitragem brasileira, a Máfia do Apito, revelada em 2005. Tal fato comprovou a manipulação de resultados no Campeonato Brasileiro daquele ano. Outros casos como esse, no Brasil e no exterior, também foram abordados.

É clichê dizer que, como todos os esportes, o futebol mexe com a emoção. Mas pode-se dizer também, sem medo, que a paixão fala ainda mais alto no esporte bretão. A sensação de pertencimento faz o torcedor, o cara da “massa”, da geral, do alambrado, da arquibancada, do radinho, da TV ou do boteco, não somente apoiar seu time, mas “ser” o seu time. O futebol talvez não seja mais romântico como antigamente, mas respira. E com ele seguem seus percalços. A arbitragem é um deles. Mais precisamente o árbitro e seu eterno caso com o erro a favor do adversário. “Seu trabalho consiste em se fazer odiar. Única unanimidade do futebol: todos o odeiam. É vaiado sempre, jamais é aplaudido”ⁱ. A

figura do árbitro de futebol foi inserida no esporte para fazer os julgamentos e aplicar as regras estabelecidas, mas vive entre o erro e o acerto. Os erros são sempre lembrados, julgados e até imortalizados na memória dos atores de uma partida. Os acertos são considerados normais. Toda pessoa, em qualquer profissão, em algum momento, pode se equivocar. Mas no senso comum da cultura futebolística, o árbitro deveria acertar tudo. O fator humano fica em segundo plano, e a “pulga atrás da orelha” persiste. Certos casos do futebol, no entanto, dão razão ao torcedor que olha desconfiado para quem fica com o apito (PAPEL, 2017, p. 7-8).

- 2 Bola em jogo** – neste capítulo foi feito um resgate histórico do surgimento do futebol, da chegada dele ao país e como o esporte da bola nos pés tornou-se identidade nacional. A partir disso, entra na questão histórica da arbitragem no futebol, com foco depois na arbitragem brasileira e na discussão sobre a profissionalização da função.

Antes de falar da história da arbitragem e de como ela chegou ao Brasil, é preciso fazer um breve resgate histórico do início do futebol. Apesar das incertezas sobre os precursores da modalidade, é possível traçar uma ordem cronológica dos fatos. [...] Também não é necessário ser um sábio do futebol para ver que a figura do árbitro é esquecida em uma vitória, sem ao menos ser comentada a sua atuação. Quando a vitória de determinada equipe não acontece, a situação se inverte. Ele passa a ser o centro das atenções, é ofendido de todas as formas e até perseguido por jogadores, dirigentes e torcedores. Sua atuação passa a ser destaque na mídia, as polêmicas do jogo ficam em evidência e se esquece o ser humano por trás do apito ou da bandeira. (PAPEL, 2017, p. 21-38)

100

- 3 A psicologia do esporte e a arbitragem de futebol** – a ideia foi trazer a questão da psicologia esportiva, mais precisamente com foco no indivíduo do apito. Especialistas no assunto foram consultados, trazendo a parte teórica e prática da preparação do árbitro para uma partida e no que isso pode ajudá-lo em campo, por exemplo. O capítulo se torna importante pelo fato de que tal indivíduo vive em constante dilema entre o erro e o acerto, sendo pressionado por diversos fatores.

Para entender o árbitro de futebol, a melhor forma é tomar um indivíduo como exemplo para representar o todo, como propõe o sociólogo alemão Max Weber (1979)ⁱⁱ com o tipo ideal – um instrumento de análise sociológica que ajuda na compreensão de determinado objeto de estudo com base em conceitos, servindo posteriormente como um modelo geral da realidade apresentada. Nessa lógica, apesar da arbitragem ser uma atividade de muitos indivíduos, é possível transformar o árbitro de futebol em uma categoria. Assim, mesmo existindo muitos árbitros de futebol, de diversos estilos, é possível representar a categoria por uma figura central.

Tal figura pode ser adaptada ainda ao modelo atuacional do linguista russo Algirdas Julien Greimas (1973)ⁱⁱⁱ. [...] A partir desse modelo é possível traçar o trabalho feito por profissionais e especialistas para o bem-estar e melhor desempenho do profissional do apito e do ser humano. Entra em jogo a psicologia do esporte. [...] Independentemente de todos os ônus e bônus da profissão, a arbitragem de futebol tenta não excluir ninguém. Homem ou mulher, basta ter 18 anos e passar por todas as etapas dos cursos obrigatórios para conduzir um apito ou uma bandeira. O sucesso ou o fracasso dependerá da preparação, determinação, motivação e autocontrole de cada um. Não existe uma fórmula mágica para ser árbitro de futebol, mas o trabalho da psicologia do esporte tem seu papel fundamental na formação e acompanhamento dos indivíduos do apito, dos campos amadores ao profissional (PAPEL, 2017, p. 39-58)

- 4 **Da várzea à Fifa: os caminhos para ser árbitro no Brasil** – o quarto capítulo do livro-reportagem apresenta a trajetória de uma pessoa que deseja se tornar o “dono do apito”, independentemente do gênero. Inclusive, o autor do livro, Lucas Papel, iniciou um curso de arbitragem para transmitir o que de fato acontece na prática. Desde os primeiros cursos, investimentos, preparação, até o credenciamento de um árbitro como membro do quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ou da Fifa, incluindo testes físicos, exigências das Federações e Confederações, entre outros.

101

Tiro livre direto ou tiro livre indireto? Mão na bola ou bola na mão? É preciso muito estudo e interpretação do texto da regra, coisas que nem todos estão capacitados a fazer. Eu me arrisquei a isso. [...] Das 30 questões, acertei 21. Fui aprovado, recebi o diploma e estou apto, a princípio, a tentar uma sequência na carreira de árbitro. Resta agora manifestar meu interesse nas provas médicas e físicas. Mas prefiro ficar por aqui. O interessante foi conhecer o outro lado, pelo menos uma parte, do processo da carreira de um árbitro de futebol. Digo mais: não é fácil como muitos imaginam ser. [...] Mas por mais que existam cursos preparatórios, eles são apenas a ponta do iceberg. A arbitragem é bem mais do que isso e está em constante atualização. Apitar no futebol atual é totalmente diferente de alguns anos atrás: velocidade, técnica e regras – mesmo com poucas alterações, como as que aconteceram na temporada de 2016 no futebol internacional e no brasileiro (PAPEL, 2017, p. 59-100)

- 5 **Cara ou coroa: histórias além do apito** – para finalizar o livro, a proposta foi trazer histórias pessoais e profissionais dos entrevistados. Cada um dos árbitros entrevistados teve um espaço no quinto capítulo. Além disso, o capítulo contou

perfis e histórias de grandes árbitros(as) brasileiros(as) que não foram entrevistados(as), mas que representaram algo para a categoria, por exemplo.

O primeiro trecho apresenta um fato na carreira da ex-árbitra Fifa, Sílvia Regina, e a luta dela para apitar entre os homens. No modelo autacional de Greimas, Sílvia tem o desejo de exercer a função no futebol e enfrenta, como oponente, o treinador Tite, que deu declarações polêmicas sobre o fato de ser uma mulher no apito em 2005:

Foram 27 anos dedicados à arbitragem no campo, desde o primeiro curso em Mauá-SP até a aposentadoria em 2007. Sílvia Regina disse ter trabalhado em mais de 800 jogos na carreira, e mesmo com maturidade para exercer a profissão, ainda enfrentou preconceitos dos atores do esporte. Um desses casos aconteceu no clássico paulista entre São Paulo e Corinthians, em 2005. O treinador Tite, em sua primeira passagem pelo Corinthians, após perder o clássico para o São Paulo por 1 a 0, disse que Sílvia não tinha o condicionamento físico ideal para acompanhar de perto a velocidade do jogo masculino. A polêmica foi parar nos jornais e programas esportivos daquele ano. A árbitra se defendeu, comprovou com números as distâncias percorridas, e disse ter saído tranquila com o dever cumprido. Polêmicas à parte, Sílvia afirmou ter evitado ao máximo o contato com jogadores, treinadores, dirigentes e torcedores, até mesmo da imprensa, durante a carreira, já que sua função era a de aplicar as regras do jogo (PAPEL, 2017, p. 114-115).

102

O segundo trecho selecionado mostra a relação entre o pai, Dalmo Bozzano, e o filho, Guillian Bozzano, na arbitragem. Uma relação entre sujeito e adjuvante, que, por hora, foi entre sujeito e oponente:

[...] Com 14 anos, eu falei que queria apitar. Meu pai disse que eu estava ficando doido, que não era para eu apitar, e que não ia deixar. Mas eu queria. Depois de muita insistência, ele deixou, mas disse que era para eu estudar também. Como eu o acompanhava em jogos profissionais do Brasileiro, ele tinha medo de pensar que eu via aquilo tudo como festa, estádio cheio, essas coisas^{iv}, contou Guillian. [...] Bozzano contou ainda que a amizade e a boa relação com o pai ajudaram na lapidação e no amadurecimento na profissão. A rigidez de Dalmo dentro e fora de casa, aliada aos puxões de orelha e correções, levaram o filho a outro patamar na arbitragem. Entendendo as críticas de forma construtiva, Guillian via em Dalmo uma pessoa correta, que lidava com ele como outro profissional qualquer e não passava a mão na cabeça. Nada de proteção ao filho. Afinal, era preciso cada um fazer e se destacar pelo trabalho. Deu certo (PAPEL, 2017, p. 127-129)

Considerações finais

Ser árbitro de futebol no Brasil não é fácil. O constante dilema entre o erro e o acerto e a busca pela realização pessoal e profissional sob o comando do apito no país do futebol fazem parte do sinuoso caminho da arbitragem. Dos campos de várzea à elite nacional e internacional, nenhum árbitro passa ileso aos olhos dos atores do esporte. Pressão de todos os lados. Mesmo com poucos segundos para decidir um lance, sem repetição, ele é obrigado a acertar tudo. Mas ele não é máquina, é um ser humano como qualquer outro. Afinal, o árbitro está preparado para isso? Como ele lida com essas situações? Ele age de má-fé? Por que há poucas mulheres nessa profissão?

Com base nisso, o livro-reportagem teve o objetivo inédito de abordar vários aspectos da arbitragem brasileira no esporte considerado identidade nacional, passando pela história, formação e atuação em jogos profissionais e/ou amadores. A pequena produção de livros e pesquisas sobre o tema proposto mostra que o mercado está carente desse tipo de abordagem, pois o foco em torno da pessoa do apito concentra-se basicamente nos noticiários e cadernos esportivos.

Por ter esse leque ampliado do assunto, a obra pode servir de referência para a categoria, para futuros árbitros, leigos, ou amantes do esporte, como um produto atemporal. Com a figura do árbitro tão visada no Brasil, independentemente da competição, a ampliação e explicação do seu contexto podem ajudar na relação árbitro/sociedade. Dessa forma, o produto final traz basicamente uma compreensão do sujeito (árbitro) e do seu discurso de si (*ethos*) no cenário do futebol. O propósito do livro, portanto, foi o de dar voz aos sujeitos e adjuvantes que ajudam na aplicação da regra do jogo, mantendo a tradição do esporte, tendo que conviver com os oponentes que insistem em querer ou provocar o pior.

Referências

ALMEIDA, K. **Nosso futebol**. São Paulo: Arte e Texto, 1974.

AMOSSY, R. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 9-28.

ANTUNES, P. **Regras de futebol**. São Paulo: Cia Brasileira, 1970.

COELHO, P. V. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973.

HADDAD, G. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 145-166

LOVISOLO, H. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. In: **Corpus Et Scientia**, UNISAUM, v. 7, n. 2, p. 91-99, 2011. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/133>>. Acesso em: 25 set. 2015.

MANZOLILLO, L. **Futebol: revolução ou caos**. Rio de Janeiro: Editorial Gol, 1984.

PAPEL, L. **A figura do árbitro de futebol no Brasil**. Uberlândia: Amazon Store, 2017.

SALGADO, L. Um ethos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial de textos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 82-96.

SILVA, A. I.; RODRIGUEZ-AÑEZ, C. R.; FRÓMETA, E. R. *O árbitro de futebol: uma abordagem histórico-crítica*. In: **Revista da Educação Física/Universidade Estadual de Maringá**, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3722>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

VENANCIO, R. D. O. Os enunciados do jogo e o imaginário do esporte: métodos para o ensino e pesquisa histórica do jornalismo esportivo. 2015. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 5, n. 17, p. 235-255, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/415/263>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

ⁱ GALEANO, E.. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2013. P. 17.

ⁱⁱ WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ⁱⁱⁱ GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973.

^{iv} BOZZANO, G. Depoimento dado ao jornalista Lucas Papel em 09 de julho de 2016.